

# Comunicação e Filosofia - Novas pontes interculturais Brasil - continente africano, análise a partir de Moçambique

Toni André Scharlau Vieira

## RESUMO

As relações entre o Brasil e o continente africano sempre foram atravessadas pelo olhar e pelas pressões do pensamento colonial e imperialista. Assim, ontologicamente, se foi construindo avaliações políticas e até mesmo históricas (a história dos colonizadores) que davam conta que o verdadeiro foco cultural, econômico e político deveria ser o determinado pelo hemisfério norte. Para ampliar e questionar essas noções se propõe uma comparação estabelecendo semelhanças e diferenças nos contextos moçambicano e brasileiro quanto a metodologias e programas envolvendo Comunicação e Filosofia. Este artigo tem como principal premissa ampliar o conhecimento sobre a filosofia africana e sua aderência e aplicabilidade no ensino de comunicação no Brasil e demais países lusófonos. Será apresentada uma avaliação sobre o espaço destinado a filosofia africana no cotidiano de aprendizado nos cursos de Comunicação no Brasil e em

Moçambique e as possíveis repercussões dessa realidade no cotidiano de formação de comunicadores. Para tanto é realizado um diálogo com pensadores africanos e brasileiros na perspectiva de propor um olhar renovado e sintonizado com demandas necessárias e urgentes para diminuir preconceitos e ampliar a noção de humanidade na formação de comunicadores.

**Palavras chave:** Comunicação, Filosofia, Cultura, diáspora, África

## Introdução

Relacionar interculturalidade, Filosofia e Comunicação não pode ser apenas verificar se os três elementos estão “conversando” entre si. O nexa que se deve estabelecer é como o conhecimento da filosofia (especialmente a africana e seu estudo nesse caso em particular), uma vez comunicado, conhecido, pode ampliar as noções de interculturalidade e colaborar para diminuir diferenças e preconceitos e, assim, contribuir para avanços comunicacionais.

Trata-se, então, de discutir como a filosofia africana pode estabelecer novas pontes culturais entre o Brasil e o continente africano. Parte-se do pressuposto que pontes culturais são fundamentais para garantir ampliações de conhecimento e, conseqüentemente, bons fluxos comunicacionais.

A escolha de Moçambique como País dialogante com o Brasil se dá, especialmente, pelas ligações maiúsculas que possuímos, desde a mesma língua, o mesmo império explorador (Portugal) e uma intercultura ancestral e atual que vai da música a comida, do sotaque aos movimentos corporais. Somos um nós, um eu plural que se toca para entender o outro e entende e pulsa na construção de aproximações, de pontes, pontes interculturais.

É poético, como deve ser, mas também é triste, do jeito que o colonialismo, o neo colonialismo gosta. De uma certa forma esse texto é para desentristecer e buscar forças para mudar um cenário que Luís Thiago

Freire Dantas descreveu em 2018 citando Charles Mills (1997, p. 2):

a filosofia manteve-se intocável pelos debates do multiculturalismo, reforma de cânone e trânsito étnico na Academia; tanto demograficamente e conceitualmente, é uma das ‘mais brancas’ (whitetest) das humanidades. (DANTAS, 2018, p. 171)

O autor recorda que, enquanto categoria do conhecimento humano, a Filosofia foi blindada para não reconhecer qualquer reconhecimento do incontestável pioneirismo africano quanto ao pensar sobre o que é o ser humano e sua existência. O suposto protagonismo grego é totalmente contestável, até porque grande parte dos seus “fundadores” desenvolveram seus estudos longe de onde hoje é a Grécia, primeiramente, no Egito, como Talles de Mileto (624-558 a.C.). Aliás, Talles que é tido como o pai da filosofia, nasceu onde hoje é a Turquia (que a época era território grego) e também visitou lugares como a Mesopotâmia, onde hoje é o Iraque. Portanto, suas referências e estudos são plurais e incluem pontos geográficos e culturais diversos dos europeus.

Mas aqui não se trata de discutir se a Filosofia é ou não é uma “cria” europeia. A grande questão é porque se criou termos como etnofilosofia para designar o pensamento africano? Para além de isso se justificar para garantir a

---

1. Toni André Scharlau Vieira é Professor Doutor do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com sede na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, Sul do Brasil.

rapinagem europeia do continente africano (sim, pois dizer que os africanos eram sub humanos e incapazes de raciocínios intelectuais naturalizava, entre outras coisas, a escravização), também mascara o verdadeiro protagonismo das antigas civilizações do continente, como a egípcia e a etíope.

Autores como Cheikh Diop, Molefi Asante, Ama Mazama, entre outros, ainda no século XX, já mostravam como havia uma importância enorme dos povos africanos para estabelecer o que posteriormente viria a ser chamado de Filosofia. Molefi Asante, por exemplo, chega a conclusão que o próprio vocábulo filosofia, teria sua origem na expressão "Sophia" da língua africana MduNtr, do antigo Egito. Já a palavra "Seba", que significa "o sábio", teria sido documentada pela primeira vez em 2052 a.C., conforme se vê no túmulo de Antef. (ASANTE, 2014, p.118)

Como se percebe, os dados históricos incontesteáveis, documentados e reconhecidos pelos próprios europeus, mostram que a existência de um pensamento filosófico (independente do lugar em que ocorreu) é bastante anterior aos gregos. Então, uma vez registrado isso, se pode falar com mais propriedade de uma robusta contribuição africana para o conceito de filosofia, mais ainda, também para os conceitos de cultura e civilização, como destaca, mais uma vez, Molefi Asante:

A África é um multiplexo de culturas. Isso não quer dizer que os valores subjacentes às várias culturas sejam significativamente diferentes, como alguns tentaram argumentar. Em todo lugar na África, desde os tempos mais antigos [os tempos de Kemet], parece haver um compartilhamento

de características no modo como os seres humanos abordaram o universo, o ambiente, a sociedade e o divino. Esse compartilhamento permite a esse multiplexo cultural ser analisado a partir da perspectiva de uma civilização geral. Existem vários elementos para a mente da África que governam o modo como os seres humanos se comportam em relação à realidade: a prática do holismo, o prevaecimento da poli consciência, a ideia da inclusividade, a unidade dos mundos e o valor do relacionamento pessoal. (ASANTE, 1990, p.19)

Isso posto é possível verificar como existiu e existe um movimento para diminuir, ou mais, anular as contribuições dos povos africanos para a constituição de um saber humano e universal. Então como não seria lógico se conectar com esses saberes para, num primeiro momento, fazer JUSTIÇA aos pensadores africanos de tempos imemoriais e aos contemporâneos? E, na sequência, trabalhar com as suas produções em diálogo com a formação dos comunicadores brasileiros numa perspectiva filosófica e intercultural.

## Metodologia

Esse texto quer estabelecer nexos que possam mostrar caminhos tanto na direção de um reconhecimento da intelectualidade de África, como das culturas presentes no continente e suas repercussões, influências e releituras em vários lugares do mundo. Quando se relaciona os meios de Comunicação, a filosofia e as diferentes culturas, também se está mostrando a importância dos meios de

comunicação na construção de referenciais civilizatórios. Quem nasce e cresce lendo, vendo, sendo informado que o continente africano é apenas o lugar de onde saíram os escravizados como poderá ter outra ideia?

O caminho que se pode trilhar passa pela cultura, certamente. Como área das ciências Humanas, a Comunicação deve ser considerada como um espaço de debate de segunda ordem, isso quer dizer que os estudos e as pesquisas produzidas não são adotados nas práticas diárias da Comunicação dos veículos como rádio, televisão, impressos ou o conjunto digital no âmbito da internet. De uma certa forma as pesquisas em Filosofia e Cultura também possuem características semelhantes.

As pesquisas biomédicas e as tecnológicas (mecatrônica, por exemplo) se refletem rapidamente nas atividades fim. O trabalho em torno do desenvolvimento de novos motores elétricos ou os estudos para neutralizar células afetadas por câncer vão dos laboratórios e universidades para o chamado mercado rapidamente. O mesmo não acontece com a área de comunicação, pois as características mercadológicas dessa pode prescindir dos avanços universitários já que as expectativas mercadológicas ainda são conservadoras.

Para perceber o impacto da Filosofia e da Cultura na construção de um saber comunicacional opta-se aqui por uma análise de conteúdo e a escolha de categorias que podem produzir um melhor entendimento sobre as relações entre Comunicação, Filosofia, Cultura e interculturalidade. Isso na perspectiva de colocar mais luzes na questão e apontar formas de intervir na questão do ensino de Comunicação mais sintonizado com

questões filosóficas e culturais, contribuindo, assim, para uma maior visibilidade pública desses debates e ampliação da utilização dessas reflexões no cotidiano do fazer comunicacional tanto nas redações (produtoras de conteúdos sociais) como nas academias.

A análise de conteúdo é entendida aqui como um método de pesquisa observacional. Ele é usado, sistematicamente, para avaliar os conteúdos (simbólico ou puramente comercial/mercadológico) das formas de comunicação que se quer estudar. Essa análise pode se dar em vários níveis (imagens, palavras, papéis, conceitos, etc.). Segundo Bardin a análise de conteúdo é

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (BARDIN, 2000, p. 42)

Nesse texto se trabalha com a análise de conteúdo a partir das mensagens obtidas junto a docentes dos Cursos de Comunicação Social (especialmente Jornalismo, mas também de Publicidade e Propaganda e relações Públicas) do Brasil e de Moçambique. A amostra é aleatória e foi organizada a partir da disponibilidade de docentes ligados a Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) e a Associação Moçambicana de Ciências da Comunicação e da Informação (ACICOM), totalizando um universo de 34 pessoas.

Apesar de o número ser relativamente pequeno para um universo que pode ultrapassar o milhar, entende-se que é representativo pois se trata de uma amostra significativamente qualitativa, pois é composta por professores que vivenciam o cotidiano do ensino de Comunicação nos dois países. A ideia foi produzir um quadro quanto ao conhecimento e aplicabilidade de aspectos da Filosofia e da Cultura dentro dos países e entre os dois, naquilo que os une, na perspectiva de construir formas de aproximação e formulações mais atuais sobre as pedagogias empregadas e desejos de mudança.

Os professores receberam perguntas sobre o perfil pedagógico dos cursos aos quais estão ligados e quanto aos seus hábitos de preparação de aulas/conteúdos. A descrição apresentada nos resultados, logo a seguir, aponta uma forte preocupação com atendimento de questões que podemos chamar de mercadológicas. Quer dizer que o ensino de comunicação (pelo menos essa amostra coletada) está mais preocupado em formar do que transformar. Tem mais desejo de atender as demandas das empresas do que confrontá-las com a realidade. Algo como se os cursos de Medicina deixassem de estudar novos procedimentos cirúrgicos para se preocupar em atender a demanda dos hospitais e clínicas médicas.

Metodologicamente a análise de conteúdo trabalha com marcadores (categorias) que se apresentam como ferramentas heurísticas, possibilitando descobertas. Como metodologia exploratória, ela aponta tendências, características e ajuda a entender melhor o fenômeno estudado. Dessa forma fica mais fácil comprovar, ou não a(s) hipótese(s) levantada(s). Nesse texto a hipótese é a de que a ampliação do debate filosófico e intercultural contribui

para uma melhor formação de comunicadores e os coloca no papel de instituição social pensante. O que é consoante com a ideia de Bardin quando ela aponta que o papel do pesquisador “não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados relativamente a outras coisas” (BARDIN, 2000, p. 38).

O papel da pesquisa em Comunicação relacionada, aproximada ou até mesmo conjugada com a Filosofia e com a Cultura dos diferentes povos é encarada aqui como um importante desafio. A ideia é perceber como essas áreas do conhecimento podem se relacionar e produzir perspectivas que apontem para pesquisas de “primeira ordem”, quer dizer, aquelas pesquisas que vão mesmo produzir transformações no exercício profissional, assim como médicos e engenheiros que refletem o conhecimento produzido pelas pesquisas das áreas e mudam seu “modus operandi”, o que não tem acontecido na área comunicacional, pelo menos não de forma perceptível para a sociedade.

## Resultados

Ao realizar-se um estudo jamais se poderá pensar que ele é definitivo ou final. Esse presente estudo nada mais é do que um retrato, um instantâneo que tem como principal tarefa oferecer uma reflexão a respeito do modo como operamos, no caso específico, do modo como ensinamos e formamos profissionais na área de Comunicação, especialmente em Jornalismo. Já se produziu muitas reflexões a respeito do espaço das humanidades na formação profissional, especialmente de jornalistas, mas considera-se que esse debate ainda não é o suficiente, quer dizer, é preciso ampliá-lo, relacioná-lo com os dilemas éticos-profissionais surgidos, especialmente, a partir da chamada revolução digital.

O propósito aqui é perceber o espaço de conteúdos de Filosofia, Cultura e interculturalidade na formação de jornalistas. Para tanto elegeu-se uma amostra de professores de jornalismo do Brasil e de Moçambique. Dessa forma, além da comparação pura e simples, também se apresenta a presença e o nível de entendimento sobre questões como a interculturalidade, as relações entre nações do Sul Global e o lugar ocupado pelos conceitos de colonialismo e decolonialidade na formação de comunicadores nesses dois Países.

Não se vai entrar, especialmente, no debate sobre a necessidade de incluir a Filosofia nos currículos dos cursos de Comunicação Social, tanto no Brasil como em Moçambique, acreditamos que isso é necessário e fundamental. A tarefa aqui é verificar como se dá o uso de conteúdos filosóficos nas disciplinas de formação de comunicadores e o lugar de autores africanos na concepção geral desses conteúdos.

Perguntas	Professores Brasil	Moçambique
Onde leciona há uma disciplina envolvendo Jornalismo/Comunicação com Filosofia?	Sim - 8 Não - 9	Sim - 1 Não - 16
No cotidiano de ensino aprendizagem você usa conteúdos filosóficos nas disciplinas que ministra?	Sim - 12 Não - 5	Sim - 4 Não - 13
Poderia citar algum filósofo de origem brasileira (moçambicana) e apontar algum conceito construído a partir da sua obra?	Nenhum dos 17 ouvidos conhecia ou trabalhava com filósofos africanos	Entre os 17 ouvidos foi citado o historiador Leandro Karnal, mas nenhum filósofo brasileiro

Que conteúdos da Cultura do Brasil (Moçambique) estão presentes nas disciplinas ou nos materiais acadêmicos que produz? Em termos gerais, há como determinar um percentual (na sua avaliação particular) que a cultura de países como o Brasil (Moçambique) ocupa na sua produção acadêmica entre sala de aula e produção de textos (acadêmicos ou não)? Por favor, faça uma avaliação... 40%, 10%... opinião a partir da experiência própria ou da avaliação geral a partir da sua leitura da realidade dada no País.	Utiliza conteúdos africanos? Sim - 0 Não - 17	Utiliza conteúdos brasileiros? Sim - 10 Não - 7
É possível apontar um percentual de utilização de conceitos africanos (brasileiros) na formulação de conteúdos das disciplinas?	0%	40%
Qual sua avaliação sobre o lugar da cultura e da filosofia brasileira (moçambicana) nos currículos das escolas de Jornalismo/Comunicação em Moçambique (no Brasil)?	Necessária - 17 Não sabe - 0 Desnecessária - 0	Necessária - 17 Não sabe - 0 Desnecessária - 0

O levantamento quantitativo aqui serve como base para uma avaliação qualitativa. O panorama representado no quadro acima obtido a partir de questionários respondidos remotamente (via e-mail e outros formatos online) mostra que existe aproximações entre o universo dos cursos de Comunicação brasileiros e moçambicanos. No entanto, essas aproximações se referem mais a pouca identidade cultural e

filosófica na formação dos alunos. Dos 34 professores consultados 25 afirmaram não ter ou não conhecer conteúdos de Filosofia nos currículos de Comunicação, outros 9 afirmaram que sim, que há disciplinas com esse propósito nas suas instituições.

Destaque-se que entre os que afirmaram ter disciplinas tratando de temas filosóficos, identificou-se que elas ocorrem nos primeiros semestres dos cursos. Isso quer dizer que são introdutórias, básicas e, portanto, possuem pouco diálogo com aquelas disciplinas de formação profissional. Mesmo onde se trabalha conteúdos filosóficos eles não estão presentes nos currículos de forma transversal, não se verifica conexões. Por exemplo: ao tratar do mito da caverna de Platão não se realiza uma aproximação com a mídia hegemônica, que poderia ser vista como a propagadora das "sombrias assustadoras".

## Para além do currículo

Sim, é necessário repensar currículos, porém, antes disso, é mais importante ter clara a natureza da formação em jornalismo. A jornalista, pesquisadora e professora de jornalismo Cremilda Medina já formulou a ideia de que o jornalista é um especialista em generalidades (MEDINA, 1982). Ela defende que, por ser um profissional que trabalha com conteúdos diversos, o jornalista precisa ter formação plural, especialmente em humanidades, por conseguinte, precisa ter uma grande base filosófica e cultural.

Aqui se pode perceber o papel e a importância de um pensamento intercultural na formação dos jornalistas, dos comunicadores, a partir de ampliações da Filosofia ou mais, da Filosofia intercultural nos currículos. Parte-se do entendimento de Fernet-Becancourt sobre Filosofia intercultural, que aponta o cuidado para

(...) não converter nossa própria maneira de pensar no lugar do encontro com o outro; isto é, não fazer do nosso mundo categorial o centro a partir do qual nós "compreendemos" o outro, no sentido de defini-lo e determina-lo à luz de nosso horizonte de compreensão. Esse "entender" assimila e incorpora por redução, mas não se cumpre como conhecimento que re-conhece no outro uma fonte de sentido de igual originalidade e dignidade. (FORNET-BECANCOURT, 1994.

Essa aproximação é bem pertinente para repensar a formação de um repórter, por exemplo. Na filosofia intercultural se dá relevância ao diálogo. É como aponta o filósofo moçambicano Severino Ngoenha:

(...) o diálogo começa quando reconhecemos o outro a quem nos dirigimos. O diálogo é essencialmente pôr em comum um sentido, é pôr em comum o que ainda não é, a partir do que já é; constatar as divergências com base no que já se tomou comum: a presença ao mesmo país, a existência de uma certa moçambicanidade, de uma história comum (mesmo de conflito) e o desejo comum da paz. No diálogo, a questão é saber como transitar de eu e tu, a nós, (NGOENHA, 2013, p.168).

Compor a formação do jornalista com os princípios da filosofia intercultural é um caminho para o reconhecimento desse profissional como responsável por colocar em comum as questões sociais. Trata-se, como disse Ngoenha, de dar mais espaço para o nós na dimensão dos diálogos sociais promovidos (ou que se deveriam promover!) pelos meios de comunicação.

O levantamento realizado entre professores do Brasil

e de Moçambique (veja quadro acima) mostra que a base filosófica é, no máximo, acessória. Quer dizer ela não se configura como matéria de fundo, não transita conjuntamente com outros conceitos como a ética e mesmo as lógicas profissionais como o valor notícia, a reportagem ou o agendamento ao longo da formação. Se não dialoga com todos os momentos da formação a base filosófica não dialoga com a formação como um todo.

As bases filosóficas e interculturais, por isso, se mostram importantes na formação de comunicadores para que possam dar mais valor ao respeito dialogante, que vê o outro como um outro legítimo dentro do processo de vida social. Paulo Freire entende a Educação como uma forma de intervir no mundo, essa lógica é mais do que adequada ao ensino de jornalismo, cuja principal tarefa é intervir no mundo.

(...) tarefa daqueles que sabem que pouco sabem –por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 2002, p. 25).

Sim, alguns podem dizer que o jornalismo não intervém no mundo, que ele reporta o mundo. Ocorre que esse reportar é uma intervenção. Através da cobertura de eventos, notícias e análises, os jornalistas moldam a narrativa e a percepção das pessoas sobre diferentes assuntos, políticas e acontecimentos. Portanto, o jornalismo tem o potencial de provocar mudanças, gerar debates e influenciar a sociedade, tornando-se assim uma forma de intervenção no mundo.

Fica claro aqui que a ideia de imparcialidade é muito mais um discurso empresarial e um dos aspectos que mostram a falta de conteúdo filosófico no debate. Ao invés de imparcial o trabalho do jornalismo na sua relação com a sociedade pode ser construído de forma isenta, mas a imparcialidade ou a objetividade é uma quimera.

O intelecto humano não é luz pura, pois recebe influência da vontade e dos afetos, donde se poder gerar a ciência que se quer. Pois o homem se inclina a ter por verdade o que prefere. Em vista disso, rejeita as dificuldades, levado pela impaciência da investigação; a sobriedade, porque sofre a esperança; os princípios supremos da natureza, em favor da superstição; a luz da experiência, em favor da arrogância e do orgulho, evitando parecer se ocupar de coisas vis e efêmeras; paradoxos, por respeito à opinião do vulgo. Enfim, inúmeras são as fórmulas pelas quais o sentimento, quase sempre imperceptivelmente, se insinua e afeta o intelecto. (BACON, 1997, p. 17)

O sentimento de que fala Bacon pode ser traduzido como um pré-julgamento ou uma visão de mundo formada anteriormente ao se reportar a um fato. Por exemplo, um repórter vai fazer a cobertura jornalística de uma reintegração de posse em uma ocupação urbana. Se ele for contra a especulação imobiliária ele vai fazer uma abordagem, se for favorável, fará outra. Tudo a partir da mesma pauta. O sentimento afeta o intelecto, como lembra Bacon, e a forma de apresentar o fato jornalisticamente não pode alinhar-se com o conceito da imparcialidade, até porque isso demandaria uma referência. Como se estando exatamente em cima da linha do equador eu não estivesse nem no

hemisfério norte e nem no sul. Mas todos sabem que essa linha é imaginária e ainda assim o simples domínio do conceito norte e sul já é um posicionamento, já que várias civilizações humanas ignoram tal referência, ou não se orientam por ela.

Como se vê, o debate é uma questão filosófica. Não é possível definir o que pode ser uma postura imparcial pois isso dependeria de alguém, um juiz, que não tenha nenhuma ligação com as partes, mas como se pode julgar se não conhecer as partes? Uma vez conhecendo as partes ou mesmo uma delas (não importa quantas sejam!) o juiz vai usar suas referências de conhecimento e de moral que ele possui. Essas, podem ser completamente opostas as de uma das partes. Em tese, todo julgamento é parcial.

Ampliar esse debate filosófico na formação dos jornalistas contribui claramente para que haja equidade, para que haja busca para a revelação de vários pontos de vista. A construção do conhecimento não é imparcial, uma vez que ela depende de escolhas individuais. Ao escolher ler autores de uma perspectiva eu dou menos importância para outras e, assim, estou sendo parcial. Como destacou Érico Veríssimo, a suposta "imparcialidade", normalmente, é fruto de subserviência.

Visito com Xisto a redação e as oficinas de A Verdade. O diretor do jornal é um tipo curioso. Dá uma impressão de fluidez, é um homem que, como os líquidos, toma a forma do vaso que os contém, isto é, da pessoa com quem fala ou a que serve. Meia-idade, alto (em termos brasileiros) moreno, calvo, pele oleosa, vaselina na voz, nos gestos e nas ideias. Sua alcunha na cidade é Lucas Lesma porque - explicam - a lesma é um animal capaz de arrastar-se sobre o fio de uma navalha sem se cortar e sem

cair para um lado nem para o outro. Conta-se que Lucas Faia tem passado a vida a rastejar incólume sobre o gume da espada afiadíssima da política e de mil outras contendidas municipais. 'um molusco' - dizem os seus inimigos. (VERISSIMO, 2006, p. 158).

Trabalhar uma formação filosófica para relacionar o debate com o Jornalismo tiraria da questão da imparcialidade o seu aspecto puramente mercadológico (um grande número de empresas jornalísticas se afirma imparcial como estratégia de venda e fidelização) e possibilitaria um debate social mais ético e transparente. O "jornalista lesma" está longe de ser uma personalidade social importante, ao contrário, é um obstáculo para o fluxo informacional que pode levar a sociedade a uma melhor compreensão sobre os fatos cotidianos e as formas de intervenção e debate sobre eles.

## Reflexões Conclusivas

Do ponto de vista técnico esse texto apresenta uma preocupação quanto ao espaço que a Filosofia, a interculturalidade e a Filosofia africana na formação de Jornalistas no Brasil e em Moçambique. A intenção é, muito mais, abrir e ampliar esse debate numa perspectiva de criar experiências. Apesar de os entrevistados terem assinalado alguma atividade com autores como Michel Foucault, Hannah Arendt, Bell Hooks, Hegel, Severino Ngoenha, Achile Mbembe, entre outros, a necessidade de relacionar conteúdos técnicos com Filosofia e interculturalidade é urgente.

Os resultados dessa pequena pesquisa com formadores de jornalistas apontam que falta mais debates sobre as diferentes culturas de países tão próximos como os falantes de língua portuguesa. O Jornalismo deve liderar as discussões que

questionem uma pseudo unidade cultural e ampliar noções como a de Stuart Hall que aponta a falácia de uma narrativa eurocêntrica e excludente do universo africano.

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu (veja HALL, 1990). (HALL, 2006, P. 13)

A narrativa social construída a partir do trabalho jornalístico nas sociedades contemporâneas não pode ser algo do “eu”. Muito menos do “eu” europeizado e focado no pensamento hegemônico do norte. O chamado Sul Global precisa estar presente nas coberturas jornalísticas não como protagonista (uma simples inversão de sinais), mas como parte, como sujeito das narrativas e possível constituidor de novos devires.

Isso porque a interculturalidade deve ser entendida como uma negação de um suposto conceito universal de verdade. A filosofia intercultural trabalha com a vontade de saber, de entender através da relação. Ela não tem vontade de dominar, como sublinhou Mudimbe (2013) ao fazer críticas a ideia de um “saber” eurocêntrico, cujo desejo maior sempre foi o de se impor como único e incontestável.

A partir tabela apresentada acima institui-se como marcadores principais Filosofia, Filosofia africana e Interculturalidade. E o que se pode apreender das respostas e interações com os 17 professores de Jornalismo brasileiros e 17 moçambicanos é que há pouco trabalho com esses assuntos na formação dos jornalistas nos dois países. Mesmo que a questão não represente uma surpresa, é relevante pensar o assunto no contexto dos debates sobre o sul global e os questionamentos sobre os

constantes apagamentos da importância do continente africano no atual contexto mundial.

Olhar o todo complexo é tarefa máxima do Jornalismo. Buscar explica-lo socialmente também. As conexões entre Filosofia intercultural e Jornalismo podem ampliar a formação humanística dos jornalistas e torna-los mais aptos a compreender o todo complexo não a partir das partes como se tenta fazer hoje, mas buscando interrelações, diálogos e aprofundamentos. Numa perspectiva que é apresentada por Alberto Efendy Maldonado

Para aprofundar e ampliar a compreensão de algo, precisa-se desenvolver uma capacidade imaginativa que seja capaz de encontrar o maior número de faces de um objeto, ou a maior quantidade de fatores de uma problemática.

O recurso epistêmico de mudança de dimensões é um elemento central na possibilidade metodológica para sair de inconsistências reiteradas. Quando não encontramos caminhos de resolução num tecido ou conjunto de hipóteses e conceitos, é possível mudar a hipótese, mudar o conjunto, ou ambos. Em certos contextos de pensamento, em especial os lineares, é impossível adiantar a compreensão de novas complexidades. (EFENDY MALDONADO, 2005, p. 126)

É preciso, pois, trabalhar na perspectiva apontada por Efendy, passando do linear pensamento de formar para o “mercado”

e começar a trabalhar mais com novas complexidades. Ampliar os diálogos com a Filosofia, a Interculturalidade e a produção de conhecimento no continente africano é um caminho possível, um “recurso epistêmico” que pode apontar para saídas diante das “inconsistências reiteradas” dos modelos de formação tecnicistas do profissional jornalista no atual contexto dos cursos superiores.

O modelo curricular da UNESCO para o ensino do Jornalismo, publicado originalmente em Paris no ano de 2007, e que foi traduzido e publicado no Brasil em 2010, prevê um elenco de disciplinas. A cada semestre alinhou-se propostas que apontam para uma formação focada nas chamadas demandas de mercado (40% de disciplinas profissionalizantes), embora seja mencionado um percentual maior (50%) para um conjunto de conteúdos denominados de Humanidades e Ciências (UNESCO, 2010, p. 12).

A princípio esse conteúdo deve contemplar aspectos filosóficos, mas não há nenhuma indicação, pois a rubrica Humanidades e Ciências é gigantesca. Ela pode trabalhar com Ecologia, Antropologia, Geografia Humana e, também, Filosofia. Embora seja positivo um grande percentual previsto para as disciplinas de humanidades, o fato de não haver um mínimo perfil sobre elas, deixa claro que apesar de boa quantidade, elas não representam uma referência na formação proposta e podem até mesmo estarem desconectadas do conjunto.

Por exemplo, a disciplina Filosofia da Comunicação, do Curso de Jornalismo da Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique, coloca como um dos objetivos “perceber os fundamentos teóricos da filosofia no campo jornalístico hodierno”. No entanto não há um único autor moçambicano, ainda que o filósofo Severino Ngoenha seja professor catedrático da mesma instituição. Lógico que a disciplina é importante, mas como está

colocada no elenco geral, pouco “conversa” com as demais e não se relaciona efetivamente com a formação profissional, conforme tratamos anteriormente, especialmente no que se refere a colocar em comum as questões sociais.

O fato de a bibliografia da disciplina contemplar Bauman, Habermas, Kuhn, Lipovetsky, Lyotard, Ricoeur, Russel, Vattimo, entre outros e não apresentar Diop, Fanon, Mbembe, Castiano (outro moçambicano), para citar apenas alguns, é bastante revelador. A formação de um jornalista moçambicano, africano de uma maneira geral, não deveria ter fortemente sublinhada a questão do colonialismo e da decolonização? É certo que sim, então é possível depreender que a disciplina de Filosofia é acessória, figura no currículo sem nenhum diálogo com as demais e corrobora com o neo colonialismo contemporâneo.

Já no Brasil podemos exemplificar pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que apresenta a disciplina de *Leituras em filosofia* no primeiro semestre de formação. A ementa é franciscana de tão humilde - Racionalismo (Descartes, Kant, Hegel), Introdução à ética e à estética. Filosofia iluminista - São Francisco também abençoou a carga horária, que é de 30 horas semestrais apenas. É possível que o conteúdo possa ser retomado em outras disciplinas, especialmente as optativas que não tem programa prévio e que podem ser oferecidas conforme o interesse de um professor, aleatoriamente.

O panorama geral requer mais pesquisa e mais ações. Até aqui é possível dizer que os cursos de Jornalismo (de uma forma genérica e ampla) do Brasil e de Moçambique não possuem uma coordenação dos conteúdos filosóficos com as disciplinas de formação profissional. Não é uma novidade, mas a questão requer uma atenção especial, ainda mais em momentos como o atual onde se questiona as hegemonias culturais, o fortalecimento do conceito Sul Global e a necessidade de

ampliar os debates sobre interculturalidade. Espera-se que esse texto contribua um pouco para que isso possa ocorrer de forma mais acelerada possível.

## Referências Bibliográficas

- ASANTE, Molefi K. Kemet, *Afrocentricity and Knowledge*. Trenton: Africa World Press, 1990.
- ASANTE, Molefi Kete. "An African Origin of Philosophy: Myth or Reality?" City Press. Tradução: Marcos Carvalho Lopes. *Capoeira - Revista de Humanidade e Letras*. Vol. 1, número 1, 2014, p. 117.
- BACON, Francis. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- DANTAS, Luis Thiago Freire. *Filosofia desde Africa: perspectivas descoloniais*. Tese de doutorado em Filosofia apresentada no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2018.
- EFENDY Maldonado, Alberto. *TEORIA DA COMUNICAÇÃO: INTERCULTURALIDADE, FILOSOFIA, LINGUAGEM E SOCIEDADE*. IN: *Conexão - Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 117-129, jul./dez. 2005
- FORNET-BECAN COURT, Raul. *Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- MEDINA, Cremilda. *Profissão Jornalista: Responsabilidade Social*. São Paulo: Forense Universitária, 1982.
- MILLS, Charles. (1997). *The Racial Contract*. Ithaca: Cornell University Press.
- MUDIMBE, Valentin Yves. *A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.
- NGOENHA, Severino Elias. *Intercultura, Alternativa à Governação Biopolítica?* Maputo: Publifix, 2013.
- UNESCO. *Modelo Curricular da UNESCO para o ensino de Jornalismo*. Brasília: UNESCO, 2010.
- VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.